

**TÍTULO:** Uma análise da crítica nietzscheana à moderna sociedade do trabalho

**AUTORES:** Aelton Leonardo Santos BARBOSA; Adriana Delbó LOPES  
(orientadora).

**ÓRGÃO FINANCIADOR:** CAPES

**UNIDADE ACADÊMICA:** FAFIL

**ENDEREÇO ELETRÔNICO:** [aeltonleonardo@hotmail.com](mailto:aeltonleonardo@hotmail.com)

**PALAVRAS CHAVE:** Nietzsche, modernidade política, sociedade do trabalho.

## **INTRODUÇÃO**

Um ponto central da crítica nietzscheana à modernidade está na maneira com que ela encara o trabalho. Enquanto este sempre fora, no período clássico (isto é, nas antigas civilizações grega e romana) desvalorizado como símbolo de indignidade, o labor produtivo reaparece agora na sociedade europeia pós-revolução industrial não só como um valor positivo, mas como a atividade justificadora da dignidade humana por excelência: dos liberais aos anarquistas e socialistas, passando pelos cristãos tanto católicos quanto protestantes, nenhuma unanimidade se estabeleceu tão fortemente na Europa do século XIX quanto a em torno do valor central da universalização do trabalho humano para a manutenção e aceleração do progresso científico e moral da civilização. O trabalho, que ainda no século XVIII era visto em boa parte da Europa – por exemplo e em especial, na aristocrática sociedade francesa – como uma atividade inferior, e sua necessidade algo a lastimar e não a glorificar, torna-se no espaço de poucas gerações o valor em torno do qual gira o sistema ideológico da modernidade (a qual, ao menos no nível da auto-justificação, muito mais do que a “sociedade do capital”, é a “sociedade do trabalho” por excelência).

Sem dúvidas, uma primeira impressão poderia associar a posição nietzscheana de recusa a participar deste consenso moderno (isto é, o que se forma em torno do valor fundamentalmente positivo do trabalho) à sua bem conhecida

disposição a abraçar, com tanta radicalidade quanto possível, valores aristocráticos contra os “amolecidos” valores da sociedade burguesa em ascensão no seu tempo. Assumir essa hipótese sem, no entanto, colocar em questão as motivações de fundo que levam Nietzsche a manter sua posição absolutamente crítica quanto ao valor da universalização e intensificação do trabalho efetuada pela modernidade seria, para dizer o mínimo, fugir ao “trabalho” de demonstrar como *também* nessa questão o que está em jogo, para o filósofo prussiano, é a criação ou obstrução da possibilidade de se alcançar uma cultura superior, forma de cultura essa que não pode, absolutamente, ser buscada sem a criação de uma esfera de *otium* e *vita contemplativa* liberta das preocupações de cumprimento de prazos, realização de lucros e aumento de produtividade, típicas do filisteísmo contemporâneo. É o trabalho de colocar em questão estas motivações de fundo e de discutir sua relevância para a reflexão contemporânea sobre a sociedade que pretendemos realizar aqui.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Foi utilizado o método bibliográfico qualitativo, tendo como material a literatura primária e secundária à disposição para a compreensão do pensamento nietzscheano (com especial cuidado hermenêutico na interpretação do aforismo 329 da obra “A Gaia Ciência”), da fundamentação valorativa (ética, teológica ou diretamente política) auto-impingida pela modernidade política, e da crítica da sociedade do capital e do trabalho em várias correntes ideológicas contemporâneas.

## **RESULTADOS**

A análise textual mostra que, de acordo com Friedrich Nietzsche, a absolutização da perspectiva que considera unilateralmente o valor da produção, relegando à negatividade o ócio e a contemplação, tornaram “vergonhoso” o descanso e quase “digna de remorso” a reflexão; uma submissão total ao princípio do trabalho que corta pela raiz as possibilidades de florescimento da cultura, uma vez que esta exige precisamente autonomia criativa – a qual pressupõe acima de tudo o direito à lentidão, que se obtém através da despreocupação com as condições de sobrevivência e exigências de trabalho; o exato oposto do espírito

moderno, que pensa “*com o relógio na mão, enquanto almoça*”, pois vê como “desperdício” todo momento não dedicado ao trabalho e ao acúmulo de capital (e sem dúvidas por conta disso aproveita o tempo do almoço para olhar boletins da bolsa; pois já não há modo mais digno de passar o tempo do que verificar se se está ganhando ou “*perdendo algo*”).

## DISCUSSÃO

O produtivismo contemporâneo é resumido por Friedrich Nietzsche no mote “*melhor fazer qualquer coisa do que nada*” – princípio cuja aceitação significa a transformação de algo que fora um meio para algo em um fim em si mesmo: “fazer algo”, mais do que uma maneira de alcançar certas configurações desejadas na realidade, é na modernidade antes de tudo um estado em que é desejável estar ininterruptamente<sup>1</sup>. O resultado da obediência a esse novo mantra não é, contudo, apenas a esperada disciplinarização generalizada para o trabalho, como julga nosso novo ascetismo, mas também uma mecanização e automação do homem que lhe retira toda a capacidade de reflexão e de criação, com a substituição do pensamento pelo cálculo instrumentalizado e da arte superior pela cultura filistéia. Esta última se caracteriza pelas cisões de que é simultaneamente causa e efeito: entre arte e vida, entre artista e espectador, entre trabalho e entretenimento. A “vida” mesma está no mundo do trabalho, sendo a arte-entretenimento um complemento e um alívio para os intervalos do trabalho, um momento de “relaxamento” que, ao contrário de mostrar a realidade “trágica” da vida, entorpece o público com idealizações grosseiras, garantidas pelo artista, o qual na cultura filistéia nada mais é que um trabalhador especializado no ramo do “entretenimento”. Como esclarece Adriana Delbó Lopes: “*O que não sabe o “cultofilisteu” [Kulturphilister] é que a cultura é “unidade de estilo”, e não uma separação entre vida e negócios, por um lado, e o esparecimento na cultura, por outro. Tal cultura só pode ser artificial, na medida em*

---

<sup>1</sup> Uma forma curiosa de pensar, cujas raízes na ascese cristã (especificamente a protestante, e de forma especial a calvinista) foram analisadas uma geração após o colapso psíquico de Nietzsche por um famoso leitor seu, Max Weber, no seu ensaio sobre “A Ética Protestante e o ‘Espírito do Capitalismo’”, onde se verificam as relações entre essa ética ascética do trabalho e o processo de racionalização acentuado nos últimos séculos da história ocidental, que culminou finalmente num “desencantamento do mundo”. Sem dúvida, uma releitura sociológica original dos temas da “morte de Deus”, apresentado por Nietzsche a partir da Gaia Ciência, e da modernidade como período de laicização dos ideais ascéticos religiosos presentes no cristianismo. A análise desta relação, entretanto, ultrapassaria o escopo deste trabalho.

*que cinde o homem em duas partes.*<sup>2</sup>

Não é por acaso, portanto, que toda cultura e gosto superior são liquidados na cultura filistéia: a celebração do trabalho enquanto valor cria um ambiente de nivelamento grosseiro da cultura, onde a arte passa a ser medida em termos de capacidade de entretenimento, e o gosto estético é substituído pela análise do valor de mercado. A centralidade que a experiência artística tinha (entre os gregos da era “trágica”) para a constituição do próprio sentimento de comunidade se perde; doravante a arte torna-se mercadoria privada, sendo sua própria fruição uma questão determinável quantitativamente pelo seu valor de troca – ora, na contemplação desse mercado de trabalhadores-consumidores de “arte” cansados e já novamente apressados, é fácil perceber com Nietzsche que *“assim como todas as formas sucumbem visivelmente à pressa dos que trabalham, o próprio sentimento de forma, o ouvido e o olho para melodia dos movimentos também sucumbem”*<sup>3</sup>.

## CONCLUSÕES

Que por toda a parte o emergir da modernidade favoreceu a ascensão do trabalho como ideal não resta dúvidas; passando pela revisão da posição teológica da Igreja Católica quanto ao tema<sup>4</sup> e pela própria existência do protestantismo (que em suas diversas denominações sempre valorizou o trabalho como uma virtude em si), e chegando finalmente à legitimação “científica” do trabalho como ideal através da obra de Adam Smith, “Sobre a Riqueza das Nações”, em que se estabelece o trabalho como força produtora de todas as riquezas. Que mesmo os grandes opositores políticos dos liberais, os socialistas, não questionassem isso, mas antes aproveitassem esse elemento teórico em sua própria estratégia discursiva, pode-se

2 LOPES, Adriana Delbó. Misteriosa Conexão entre Arte e Estado: a reflexão sobre a cultura no jovem Nietzsche. Tese de doutoramento. Unicamp: 2006. Página 207.

3 A influência desta reflexão nietzscheana é notória na crítica da cultura de massas empreendida pela Escola de Frankfurt (cf., por exemplo, “A Indústria Cultural”, texto de Adorno e Horkheimer) e pela vanguarda estético-política situacionista (cf. em especial o texto “A Sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord), que assume como mote a associação da “abolição do trabalho alienado” com a “realização da arte” na vida e no cotidiano das pessoas, desfeticizando-a enquanto mercadoria.

4 Durante longo tempo, o trabalho foi visto pela Igreja não como um caminho para a “dignidade do homem”, mas simplesmente como uma infelicidade necessária decorrente de um castigo divino (cf texto de Gn 3:17-19: *“maldita é a terra por tua causa: em fadiga obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor de teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás.”*) O fato de apenas os camponeses efetivamente comerem o fruto do próprio “suor” não parece ter incomodado os teólogos católicos antes do século XIX. A possível virtude dos citados camponeses, aliás, não era de forma alguma ligada ao fato deles trabalharem, mas antes à possibilidade que sua posição dava de exercer as virtudes da humildade e da obediência.

apreender a partir de sua argumentação básica: toda a riqueza é produzida pelo trabalho; logo, toda riqueza pertence de fato aos trabalhadores, sendo os proprietários burgueses seus exploradores e ladrões, e os aristocratas seus parasitas<sup>5</sup>. À direita e à esquerda, no pensamento religioso ou laico, por toda parte o trabalho se estabelece como o valor supremo, o elemento de concórdia a partir do qual todas as discussões são feitas.

Erguendo seu martelo para auscultar esse novo ídolo, Nietzsche faz notar que a aceitação unilateral do domínio da razão econômica e de seu ideal, o trabalho, só pode resultar em massificação das condições de existência e apequenamento da vida, com todos buscando as condições materiais de sua sobrevivência e sua cômoda segurança, e deixando de lado as possibilidades de busca das condições de esbanjamento e exuberância que ele considera necessárias para uma cultura superior, em que, como num grande experimento, as mais diferentes formas de vida são suportadas na grande tensão de uma sociedade que é sadia, que é grande e mostra essa grandeza exatamente na sua capacidade de suportar a contradição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, Adriana D. *O estado moderno: trabalho e dignidade do homem*. In: Misteriosa conexão entre arte e Estado: a reflexão sobre a cultura no jovem Nietzsche. Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Estado Grego*. In: Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos. Trad: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

<sup>5</sup> É digno de nota que, dentro do pensamento socialista, Karl Marx e Friedrich Engels contemplavam sua filosofia/práxis fundamentalmente como uma luta pela superação da sociedade do trabalho. É assim que na "Ideologia Alemã" afirmam: "enquanto os servos fugitivos visavam apenas desenvolver livremente e afirmar suas condições de existência já dadas e, por isso, não ultrapassavam, em última instância, os limites do trabalho livre, os proletários, para afirmar a si mesmos como pessoas, têm de suprassumir sua própria condição de existência anterior, que é, ao mesmo tempo, a condição de toda a sociedade anterior, isto é, o trabalho." (MARX & ENGELS, 2007 :66) Essa posição não parece corresponder à da maioria das denominações socialistas que existiam no século XIX, e em especial não à filosofia socialista de Eugen Dühring, com a qual Nietzsche parecia estar dialogando em especial sempre que fazia referências ao movimento socialista. O texto da "Ideologia Alemã", de qualquer forma, não poderia ser conhecido de Nietzsche, uma vez que só veio a ser publicado postumamente em 1930.